

## **Para Além das Palavras: Charges, Tiras e Quadrinhos**

Nilce Helena da Mota Garcia (UNIVAP)

O tema deste artigo, a linguagem verbal e não verbal na construção do sentido: Charges, Tiras e Quadrinhos visa desenvolver perspectivas voltadas à prática leitora, utilizando para tanto a Arte Seqüencial. Sabe-se que no contexto escolar tal prática é pouco abordada, porém pode vir a contribuir na formação do aluno-leitor, já que este gênero constitui-se parte da vida cotidiana leitora dos discentes. O artigo propõe uma outra abordagem na prática leitora, viabilizada através das temáticas idealizadoras, socializadoras e ou históricas, aproximadas na Arte Seqüencial, visando à construção do sentido pelo leitor, acendendo sua imaginação criadora e crítica, sensibilizando-o através das constatações das problematizações abordadas e transformar em ações discursivas estas descobertas.

Para atingir os objetivos propostos foi necessário recorrer aos estudos de alguns conceitos que pudessem contribuir para o desenvolvimento da nossa proposta leitora. Assim, no primeiro tópico discutimos a conceituação de texto, discurso e linguagens sob uma perspectiva da Análise do Discurso da escola francesa. O próximo passo foi abordar alguns aspectos da Arte Seqüencial, mais especificamente as Charges, as Tiras e os Quadrinhos. Continuando nossa trajetória metodológica fez necessário refletir sobre a leitura de imagens e os sentidos que são explicitados e implícitos nessa prática leitora. Finalmente, propomos uma atividade que pode ser trabalhada no contexto escolar de maneira reflexiva, pois a Tira analisada constitui-se em material de leitura possibilitando ao aluno-leitor aproveitar sua imaginação criadora como gatilho provocador, visando ampliar seu processo de significação e construção de sentidos no exercício leitor.

### **1- Texto, Discurso e Linguagens**

Discutir a questão conceitual do termo texto é uma tarefa árdua devido às várias concepções existentes e as implicações que surgem no trabalho com texto em sala de aula. Neste artigo, texto é entendido enquanto unidade mínima significativa. Assim, texto pode ser concebido como o discurso traduzido em signos, é a atividade materializada da expressão verbal e da não verbal. É o produto da atividade discursiva, como diz Orlandi (1996:60-61):

*O texto, dissemos inúmeras vezes, é a unidade de análise afetada pelas condições de produção. O texto é, para o analista de discurso, o lugar da relação com a representação física da linguagem: onde ela é som, letra, espaço, dimensão direcionada, tamanho. É o material bruto. Mas é também espaço significante.*

Sendo assim, podemos dizer que o texto é tridimensional, pois sua ação dá-se no momento em que o autor o materializa (texto) e o interlocutor ao lê-lo o desmaterializa interagindo com sua historicidade ideológica e a reação advinda no espaço da interdiscursividade propicia efeitos de sentidos que se reconfiguram através da repetição do mesmo e/ou da denegação, em que se materializam novos

dados, em consequência, o discurso retoma sua forma original, o texto redefinido. Nesta etapa final, advêm os saberes. O saber é algo a ser construído pela historicidade ideológica do texto e, com uma ação interacional do leitor que também vem imbuído de história e ideologia em sua bagagem.

Segundo Coracini (1991), o termo discurso tem múltiplas definições, de acordo com o que cada teoria lingüística adota como referencial conceitual. Nestes referenciais teóricos, não mencionados neste estudo, a significação é considerada, a meu ver, de maneira redutora, pois a exterioridade não é concebida como parte constitutiva do processo de produção dos sentidos e esta questão será central nas pesquisas da Análise do Discurso da vertente francesa.

Para Orlandi (1986:115) discurso é o enunciado formulado em certas condições de produção, determinando um certo processo de significação. Ou, como define Pêcheux(1969), o discurso não é apenas transmissão de informação, mas efeito de sentidos entre locutores. E a AD é a análise desses efeitos de sentido.

O discurso é a linguagem em ação, o sentido social, histórico e ideológico construído, refletindo uma visão de mundo determinante e as possíveis estratégias utilizadas na sua estrutura, os intercâmbios no interior dos grupos sociais, que sobredeterminam o indivíduo vivendo em coletividade, e os efeitos produzidos por meio de seu uso.

O uso da língua consiste em significar a relação que se estabelece entre os indivíduos participantes do ato discursivo, utilizando a linguagem verbal e não verbal e construindo sua relação de construção do sentido através dos consensos explícitos, implícitos e pressupostos. O sentido está na inter-relação que os sujeitos constroem a partir de sua posição enunciativa. O sujeito enuncia referindo-se explicita ou implicitamente a um domínio de saber pré-existente, ao assumir um ponto de vista, ele contribui para que o interlocutor faça inferência ao que ouviu/viu/leu e produza sentido, transmitindo - "um ao outro" - fragmentos do saber, através da argumentação, contestação e contra-argumentação. Isto é, os sujeitos do discurso enunciam a partir de sua posição social, histórica e ideológica, que nem sempre são as mesmas.

Assim, discurso é uma unidade incompleta, pois os efeitos de sentidos são produzidos a partir das condições de produção discursiva, em que os sujeitos envolvidos no processo são considerados histórica, social e ideologicamente. Nas palavras de Orlandi (1996:54) ... *um texto, do ponto de vista de sua apresentação empírica, é um objeto com começo, meio e fim, mas que, se considerarmos como discurso reinstala-se imediatamente sua incompletude*.

Para a AD a linguagem é concebida enquanto trabalho, atividade, produção de sentido em uma determinada formação discursiva e em dadas condições históricas e sociais. Segundo Orlandi (1986:115):

*A linguagem, nessa perspectiva, é pensada como trabalho, isto é, como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Mediação entendida aqui não como um instrumento, mas como relação constitutiva e transformadora.*

Neste trabalho, a Linguagem Verbal é uma parte do processo discursivo, não ela toda, pois os elementos da Linguagem Não Verbal evidenciam o não escrito, o subentendido, o pressuposto e o implícito.

Segundo Eisner (2001), ao escrever apenas com palavras, o autor dirige a imaginação do leitor. Na Arte Seqüencial imagina-se pelo leitor. Uma vez desenhada, a imagem torna-se um enunciado preciso que permita pouca interpretação adicional. Quando a palavra e imagem se “misturam”, as palavras formam um amálgama com a imagem e já não serve para descrever, mas para fornecer som, diálogo e texto de ligação.

A Linguagem Não Verbal é a que utiliza a cor, a forma, o movimento, etc. A imagem funciona como um elemento de interação entre a língua e o indivíduo, exercendo grande influência na produção do sentido.

A produção de sentido dentro da linguagem não verbal dá-se de forma natural, pois é comum termos as imagens mesmo sem uma alfabetização prévia. Entretanto, a imagem não traduz a palavra, ela traduz a idéia. A palavra fala da imagem e até mesmo pode descrever, mas não pode desvendar seu valor significativo.

Quando falamos de linguagem não verbal, falamos de leitura de imagem e porque não dizer imagem como discurso. Segundo Eisner (2001) a imagem traduz o significado, tornando visível o sentido que se faz implícito nela. Antes de aprender a falar, ler e escrever, as crianças aprendem a ler e interpretar imagens, figuras, objetos e desenhos. Crianças e até mesmo adultos, quando vêem ou lembram de algo, remetem (lêem) aos aspectos visuais, na cor, forma, cheiro, aparência, entretanto, não é substituído imediatamente pelo seu signo lingüístico.

Neste caso não se pode excluir a relação do aluno/leitor com outras linguagens utilizadas pelo meio e sua prática de leitura não-escolar desde a mais tenra idade. O aluno não está no grau zero de leitura/aprendizado. Mas, seu conhecimento é desvalorizado no âmbito escolar. Isso cria uma relação em que o aluno/leitor é reprimido pelo método de ensino no processo de aprendizagem. Para que o ensino não seja inteiramente coercitivo, seria conveniente explicitar que o aluno não está no grau zero, nem o professor se encontra em um grau tão elevado em que, o aprendizado não seja para ambos.

Cabe ainda dizer que, se considerada a dimensão das formações imaginárias, constitutivas do funcionamento do discurso, há um jogo de imagens, de antecipações, que conta nessa relação, o aluno é a imagem social de quem está na escola para aprender, e o professor é idealmente aquele que possui o saber e está na escola para aprender/ensinar, mas que se coloca em uma posição de autoridade definitiva do saber. Certeau (1998:267) acentua esta visão ao mencionar que:

*Levanta entre o texto e seus leitores uma fronteira que para ultrapassar somente eles [professores] entregam os passaportes, transformando a sua leitura (legítima, ela também) em uma “literalidade” ortodoxa que reduz as outras leituras (também legítimas) a ser apenas heréticas (não “conformes” ao sentido do texto) ou destituídas de sentido (entregues ao ouvido).*

## **2- Arte Seqüencial: Quadrinhos, Charges e Tiras**

No processo de significação e construção do sentido, o humor possibilita o refinamento de idéias e o alargamento da percepção do leitor no aprimoramento de uma visão crítica, expondo os problemas culturais, sociais, raciais, étnicos, as situações estereotipadas e as fraquezas na convivência humana, ironizando e ridicularizando através dos exageros. O sujeito leitor aprende a subverter a lógica atravessando as fronteiras do óbvio (explícito X implícito).

A utilização do humor disponibiliza a produção de sentido, pois atua como um gatilho provocador. Através de palavras e imagens permite ao leitor uma interatividade textual, remetendo-o ao conhecimento prévio para que a compreensão do contexto se estabeleça. A comicidade pode ou não ser fruto do sentido produzido, pois por de traz do humor há uma ambigüidade proposital.

Como este artigo trata diretamente de Linguagem Não Verbal, discorreremos sobre o enfoque central que é a Arte Seqüencial como produtora de sentido. Esta proposta visa o processo no trabalho de formação de leitores através da utilização das charges, tiras e quadrinhos, pois estes são de grande relevância para a faixa etária que direcionamos esta pesquisa. *As histórias em quadrinhos comunicam numa ‘linguagem’ que se valem da experiência visual comum ao criador e ao público.* (EISNER, 2001:07).

O humor utilizado nas Charges, Tiras e Quadrinhos cumprem um papel fundamental na cultura de um país, pois circulam com desenvoltura em todas as camadas sociais, e têm como função um papel ideológico, que é o de retratar instantaneamente uma crise que pode ser governamental, social ou individual.

Charge é um desenho pesado, crítico, relacionado com as atividades de uma localidade, e tem um poder muito grande de denúncia. A charge não tem a obrigatoriedade de provocar o riso, o autor denuncia determinada situação, que também pode vir a ser uma tragédia.

*A charge é essencialmente política em todos os sentidos de palavra, e obrigatoriamente, carrega grande força crítica poder reivindicatório e contestador. A simbologia das personagens e temáticas de que o chargista se apossa indicam e apontam para um mundo vivido. Só tem sentido fazer charge de figuras públicas e que sejam reconhecidas pela grande massa da população, que é o que produz o impacto maior no humor.* (CONFORTIN, 1999: 84).

As Tiras podem ou não ter uma abordagem política. Elas podem ser tão somente humorísticas, representando uma visão bem humorada dos acontecimentos e do mundo, e de acordo com os autores das Tiras, sem posicionamento ideológico ou crítico. Na nossa visão, todo discurso é ideológico, mesmo que se queira negar tal constituição. O desenhista das Tiras representa artisticamente suas idéias que podem ser fragmentos do cotidiano social. São desenhos humorísticos caricaturais.

Os Quadrinhos utilizam o desenho humorístico, associando palavras e imagens com uma direcionabilidade crítica, sem, no entanto, ater-se no âmbito da

política e suas vertentes. Nos Quadrinhos a utilização do verbal e do não verbal possibilita o leitor usar sua imaginação criadora e ampliar suas leituras. Nas palavras de Eisner (2001:08) *a configuração geral da revista de quadrinhos apresenta uma sobreposição de palavra e imagem, e, assim, é preciso que o leitor exerça suas habilidades interpretativas visuais e verbais.*

A arte é seqüencial, intercalada por espaços vazios, em que a inferência do leitor promove a ligação entre o discurso do autor e a significação que se opera no interlocutor. Segundo Maingueneau (1987) (apud BRANDÃO, 2002:18) é necessário considerar o espaço próprio que cada discurso configura para si mesmo no interior de um interdiscurso.

A Arte Seqüencial tem uma conexão com as notícias em destaque, seja da comunidade ou do mundo globalizado. Os artistas das Charges, das Tiras e dos Quadrinhos, retratam os fatos ou coisas, que são mais ou menos proibidos nos círculos sociais. Eles não seguem obrigatoriamente a ideologia do veículo de imprensa, porém eles têm o compromisso com conteúdo do periódico.

*... criticando acidamente algum figurão político ou atitude de governo, ou mesmo tomando como tema os clássicos problemas profundos da humanidade. Mesmo esses artistas nem sempre escrevem apenas contra os poderosos, o seu humor pode até mesmo atingir temas sociais um pouco mais amplos, causas políticas ou eticamente justas, sob o pretexto de sua necessária neutralidade. (POSSENTI, 1998:48).*

Possenti diz que, às vezes, os artistas da Arte Seqüencial são as vozes do dono, como se tratasse do mesmo discurso, da mesma voz, em outra linguagem.

A Arte Seqüencial das Charges, das Tiras e dos Quadrinhos, trabalham com o contexto da notícia, é necessário ter um conhecimento histórico-social das condições de produção destes gêneros para que seja possível ler sua mensagem discursiva, perceber a crítica que está implícita que possibilita ao leitor um novo acesso, um outro olhar.

O leitor pode ser levado a buscar um conhecimento, um fato através da leitura de reportagens ou ser seduzido pelas caricaturas, que são apresentadas em clima de descontração, com uma dose grande de humor, sem, no entanto, esquecer-se de abordar a historicidade social e ideológica dos fatos.

Os artistas da Arte Seqüencial, além de possuírem um talento para o desenho, necessitam estar sempre em contato com a cultura geral, com as situações problemas da sociedade como um todo, observando diariamente as mudanças ocorridas, pois seu discurso é continuo. Através da materialidade discursiva, o leitor busca as produções de sentido contidas no processo interativo das palavras e imagens, o desenho, suas cores, formas, onomatopéias, que são utilizadas como ferramentas para interagir com o texto e construir suas significações. De acordo com Eisner (2001:08), os processos psicológicos envolvidos na compreensão de uma palavra e de uma imagem são análogos.

A Arte Seqüencial pode ser considerada um gênero que demanda muita habilidade, criatividade, pois transforma momentos e situações do cotidiano em

objetos de análise e reflexão e, ao mesmo tempo nos faz rir; o sério se transforma em objeto de crítica humorística, sem lhe tirar a seriedade necessária.

Na leitura destes segmentos, Charges, Tiras e Quadrinhos, o leitor precisa estar atento, já que os textos operam com ambigüidades, sentidos indiretos, implícitos, sendo assim, para compreendê-los, precisa saber mover-se no texto, aceitar a provocação feita pelo artista, interagindo com a autonomia textual, pois quando estes segmentos saem das mãos dos seus autores, o texto ganha vida própria e sentidos infinitos.

Segundo Ghilardi (1996), a dosagem entre o conhecido e o inusitado, entre o espetáculo e a informação é que se traduz a arte e o sentido do humor abordado na Arte Seqüencial.

O humor crítico inserido nas Charges, Tiras e Quadrinhos, apresentam episódios ou fatos do cotidiano, propiciando momentos de entretenimento, de riso e de reflexão; através destas leituras pode-se interpretar a sociedade em seus hábitos cotidianos, enfim, compreender o efeito de sentido produzido em cada ato discursivo, constituído histórica, ideológica e socialmente.

### **3- Leitura de Imagens**

Como esta pesquisa aborda a leitura de imagens, e a Arte Seqüencial vem ocupando maior espaço no cotidiano leitor dos sujeitos, faz-se necessário entender as relações de sentido que se configuram neste processo, que trabalha com as linguagens, verbal e não verbal, constituindo um sistema múltiplo, com estrutura própria.

Nossa proposta visa o processo no trabalho de formação de leitores através da utilização das Charges, das Tiras e dos Quadrinhos, visto que a palavra e a imagem misturam-se, completam-se, modificam-se e justificam-se, como diz Laje (1987:07), *uma imagem pode conter informação que não cabe em mil palavras e uma palavra pode resumir o conhecimento de mil imagens*.

O mundo contemporâneo está imerso em imagens e a competição capitalista, associada às facilidades da imprensa, da fotografia, dos computadores e da televisão, faz com que sejamos mergulhados em um universo em que o aspecto visual é preponderante. Diante desta evidência, é urgente que a imagem (texto não verbal) tenha um papel de igual importância no âmbito escolar, como já é mister com o texto verbal, não apenas para que este ambiente seja mais coerente com o mundo do aluno/leitor, mas também para prepará-lo para a leitura crítica das imagens.

Assim como a leitura do texto verbal exige uma complexa desenvoltura do leitor para que se produza sentido, o mundo visual exigirá nova envergadura leitora. De acordo com Eisner (2001:10), a transição final exige que o leitor rompa com as convenções da seqüência da esquerda para a direita. ... Esse salto é exclusivo da narrativa visual. O leitor tem de fazer uso implícito de um conhecimento...

Durante a leitura de texto escrito, o leitor aciona outras funções cognitivas para criar imagens mentais, de acordo com seu repertório experienciado. Essa configuração mental é diferenciada nos indivíduos, mas possui algo em comum que faz parte do imaginário e do coletivo. Cada pessoa cria a partir da sua imaginação:

cenários, cenas, fisionomias, objetos, a partir da leitura das palavras. Neste processo de criação, há pontos, matrizes comuns, que pertencem à história e à coletividade, mas ninguém “imagina” de forma semelhante a outrem. Esta construção é importante para desenvolver as funções superiores da mente. Pode-se esperar dos leitores modernos uma compreensão fácil da mistura imagem-palavra e da tradicional decodificação de texto. (EISNER, 2001:138).

Partindo deste princípio, a leitura da imagem já propicia este aspecto de forma mais completa, porém sob esta significação perceptível, há outras voltadas e intimamente ligadas ao mundo das idéias, dos comportamentos, dos conceitos, das crenças, das ideologias, que são necessárias “ler”: compreender, interpretar, produzir sentido, concordar ou discordar. Para tanto, o leitor precisa observar com muita atenção, utilizar sua memória para analisar o implícito e o pressuposto, buscar sua orientação espacial junto ao sentido da dimensão da imagem, associar o pensamento lógico e criativo.

Essa gama de informações permite-nos perceber como os elementos da linguagem visual foram organizados: formas, linhas, cores, sombras, luzes, figuras, paisagens, cenários, perspectivas, pontos de vista histórico e ideológico do autor, e possíveis oposições operantes pelo leitor, contrastes, texturas, efeitos especiais, etc. E perceber como esses elementos agem em associação na produção do sentido do leitor, interagindo ativamente às demais informações, conceitos concebidos e acumulados pela sua experiência de vida, pela cultura adquirida e compartilhada.

É um jogo que por vezes o leitor pode vir a ser impulsionado pela emoção e/ou pela crítica. Enfim, a leitura de imagem é ativa ao mesmo tempo intelectual e emocional. Para que a leitura de imagem possa contribuir na produção do sentido, a percepção do leitor precisa estar afinada, é necessário responder aos estímulos provocativos da imagem. A mente, a sensibilidade e a criatividade neste processo leitor são intensificadas, pois a linguagem visual é questionadora, e neste trabalho indagativo o leitor elabora múltiplas respostas em sua atividade discursiva. Para Eisner (2001:24):

*As imagens sem palavras, ... na verdade exigem certo refinamento por parte do leitor. A experiência comum e um histórico de observação são necessários para interpretar os sentimentos mais profundos do leitor.*

#### **4- Sugestões de Práticas Leitoras em Sala de Aula**

Neste artigo buscamos propor a leitura de imagens empregando para tanto as Charges, Tiras e Quadrinhos e utilização das linguagens verbal e não verbal dentro de uma perspectiva da análise discursiva e suas múltiplas leituras, possibilitadas por estes veículos.

Este procedimento implica em trabalhar com o alunado o pressuposto, o implícito e o explícito dentro de uma visão ideológica, social e histórica da sociedade ao qual estão inseridos, através da Arte Seqüencial. Dado que o pressuposto faz parte dos muitos diálogos que temos, até porque explicitá-los significaria, muitas vezes, informar o óbvio, o esperado em um dado contexto, o interessante é que

muitas vezes o pressuposto não está óbvio e conhecê-lo nos auxilia a obter uma melhor visão do que acreditamos ser a produção de sentido do autor.

Através desta atividade proposta abaixo, iremos analisar, por exemplo, quais foram os motivos que levaram o autor do texto a selecionar determinadas informações, qual a sua opinião da tematização escolhida, qual o momento histórico e ideológico que o levaram a esta escolha.

Como a leitura não é um ato que propicia apenas obtenção de novas informações, mas sim nos leva a fazer uma análise crítica das situações sugeridas, devemos trabalhar com o aluno/leitor, as opções que podem levá-lo a formar idéias e como estas podem transformar seu ato leitor.

Partindo do pressuposto que lemos textos variados e certamente devemos fazê-lo no âmbito escolar e fora dele, é que trazemos esta sugestão de abordagem com a Arte Seqüencial, pois através da prática leitora somos influenciados a emitir nossa opinião, nosso ponto de vista e os possíveis sentidos oriundos deste ato.

#### **4.1 – Atividade:**

1- Quadrinhos são desenhos que apresentam uma situação humorística e, em geral, de caráter crítico. Qual é a abordagem ideológica e social inserida neste Quadrinho e como está trabalhada a crítica na imagem abaixo?

2- O que a expressão facial do homem sugere inicialmente?

3- E o cachorro? Que sentimento sua expressão sugere?

4- O que o cachorro manifestou com sua atitude?

5- Divididos em grupos, transformem a história do quadrinho em:

Uma narrativa oral;

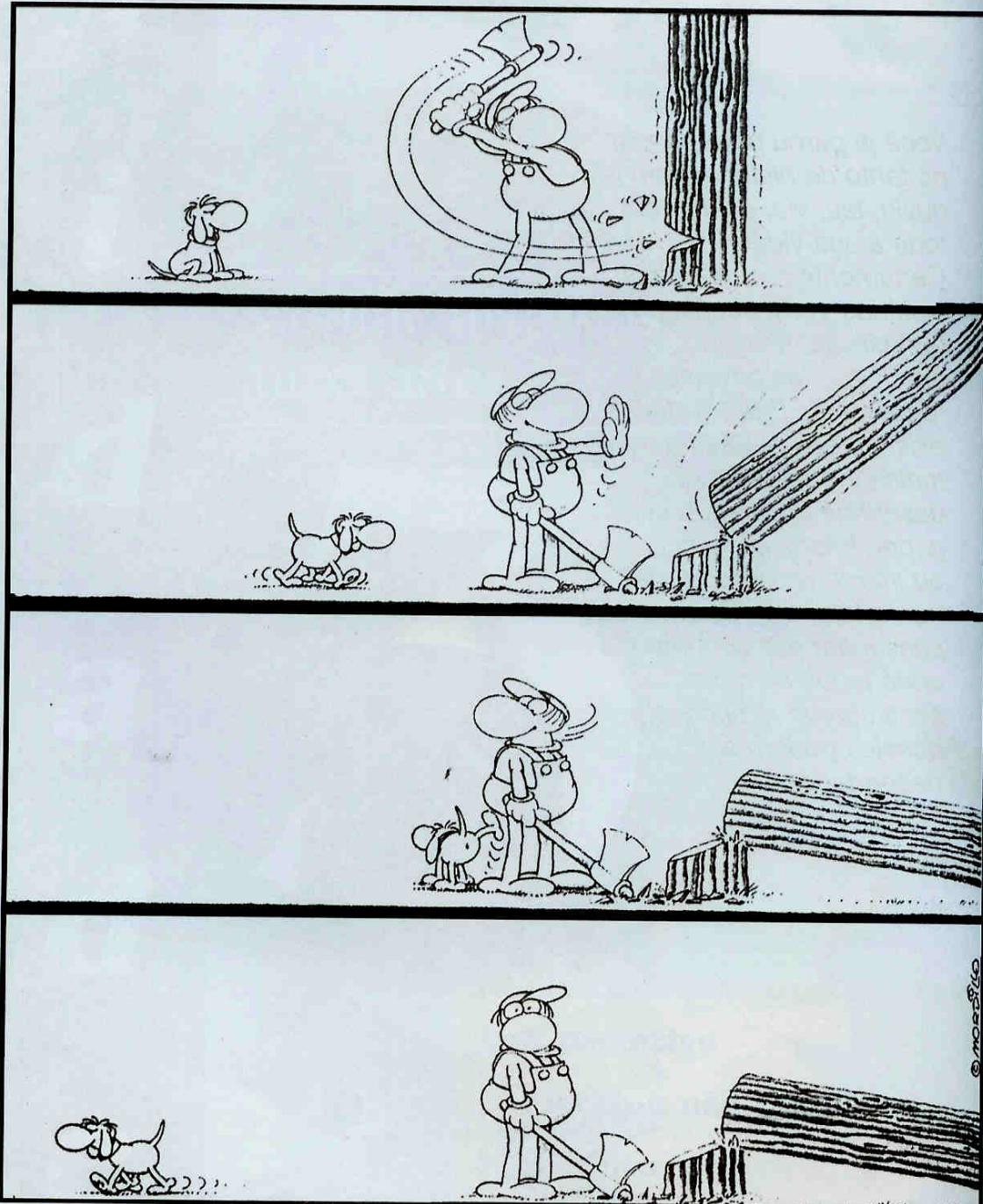
Uma notícia de jornal;

Um conto.

Pensem em como essa transformação foi possível e apresentem o resultado aos colegas. De que outras maneiras essa mesma história poderia ser contada? Discutam.

6- Analisando o conceito ideológico que é veiculado no quadrinho de Mordillo, qual é o discurso implícito na narrativa desta imagem? Quais os cuidados que você sugere para que este discurso deixe de ser uma realidade?

**Leia esta história contada por meio de desenhos.**



MORDILLO, G. *Mordillo Safari*. Grénoble, Editions Glenal, 1990.

## **Referências Bibliográficas**

- BRANDÃO, Helena N. *Introdução à Análise do Discurso*. Unicamp: Editora da Unicamp, 8<sup>a</sup> Edição, 2002.
- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis: Editora Vozes, 3<sup>a</sup> Edição, 1998.
- CORACINI, Maria José R. F. Análise do Discurso: Em Busca de uma Metodologia. In: *DELTA*, vol. 7, no. 1, 1991.
- EISNER, Will. *Quadrinhos e Arte Seqüencial*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 3<sup>a</sup> Edição, 2001.
- GUILARDI, M. I. *A Charge Jornalística e a Questão da Informatividade*. Campinas: PUCCAMP, 1996.
- LAJE, N. *Estrutura da Notícia*. São Paulo: Editora Ática, 1987.
- MORDILLO, G. *Mordillo Safari*. Grénoble, Editions Glenal, 1990.
- ORLANDI, Eni P. A Análise do Discurso: Algumas Considerações. In: *DELTA*, vol 2, no. 1, 1986.
- ..... *Interpretação: Autoria, Leitura e Efeitos do Trabalho Simbólico*. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.
- POSSENTI, S. *Os Humores da Língua: Análises Lingüísticas de Piadas*. Campinas: Mercado Aberto, 3<sup>a</sup> Edição, 1998.